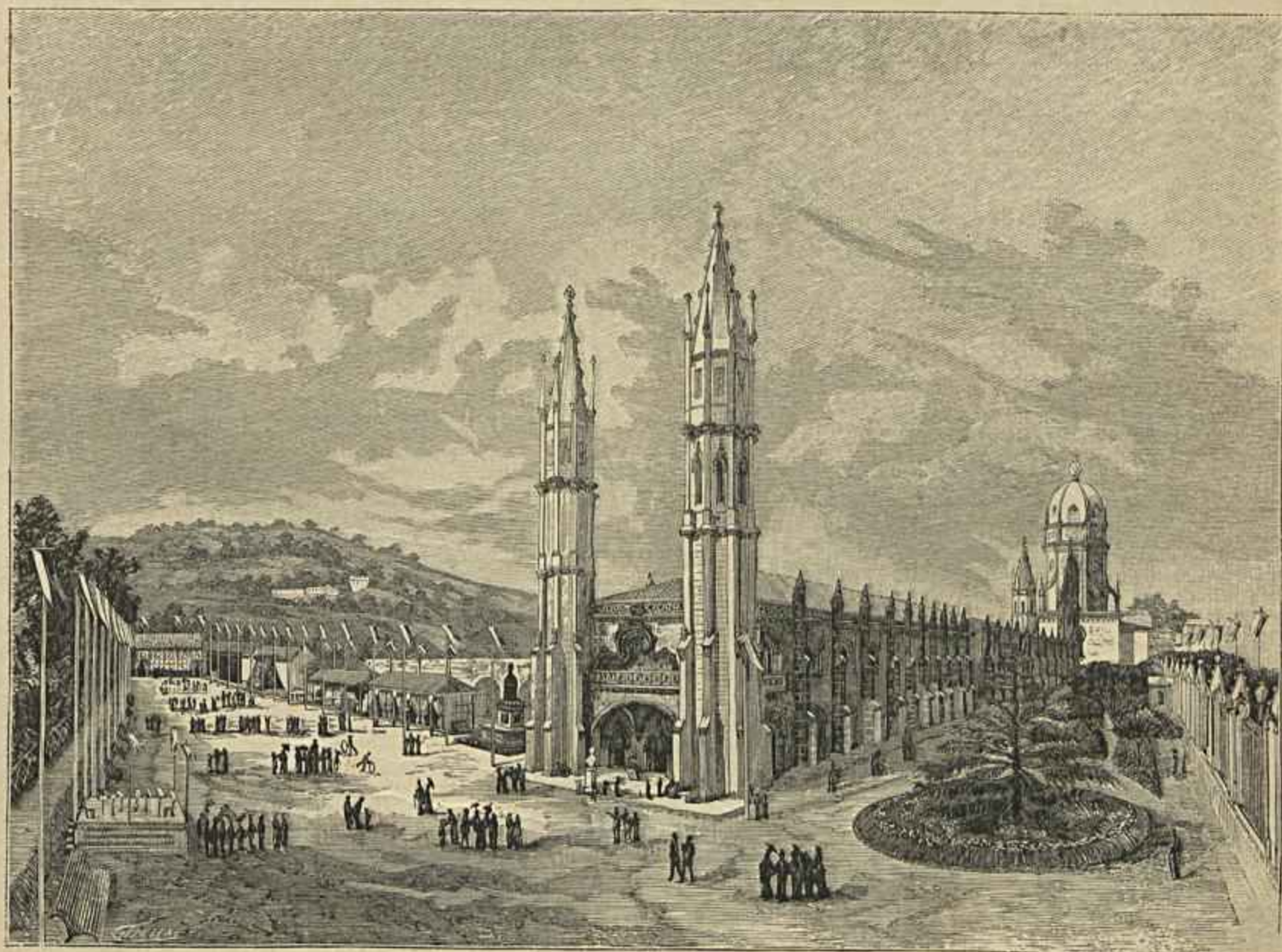


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 531	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	5950	5120	21 DE SETEMBRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idém)...	48000	23000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—		

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA



VISTA GERAL DO EDIFÍCIO DA EXPOSIÇÃO E ANNEXOS

(Desenho do natural por Cazellas)



CHRONICA OCCIDENTAL

A nossa chronica d'hoje tem que ser uma necrologia, porque a morte se aprouve, n'estes ultimos dez dias, em fazer farta colheita entre pessoas conhecidas e estimadas na nossa terra.

A primeira foi não só um homem querido e conhecido por toda a Lisboa, mas também querido e conhecido no estrangeiro pelo seu grande talento e profundo saber, uma das illustrações scientificas de Portugal, o conselheiro Silvestre Bernardo Lima.

Não ha ninguem entre nós que não conhecesse Bernardo Lima, e o que não tivesse profunda sympathia por aquelle bom e grande homem, pelo seu character integro e desprezencioso, cheio de honhomia e de simplicidade, tão simples e tão modesto n'estes tempos de imperticamentos e de poses, que mal se podia suspeitar que dentro d'aquelle homem de exterioridades chans e bonacheironas, que faziam lembrar um velho marinheiro, houvesse um homem d'estudo, um valente lutador da sciencia.

E entretanto assim era.

Bernardo Lima pertencia a essa brilhante pleiade de luctadores, que se chamaram Ferreira Lapa, Moraes Soares, José Maria Teixeira, e que implantaram entre nós o estudo da agricultura e da veterinaria.

Silvestre Bernardo Lima foi o introdutor em Portugal da Zootechnia e da Hygiene veterinaria, e ao estudo e á licção d'essas sciencias novas em o nosso paiz, dedicou todo o seu alto talento, todo o melhor da sua mocidade e da sua vida, dos 69 annos que andou por este mundo.

Durante trinta annos regeu, com a grande autoridade que lhe dava a sua solida sciencia e o seu profundo estudo, a cadeira de Zootechnia e Hygiene veterinaria no Instituto Agrícola, e ao mesmo tempo, que com a sua palavra ia formando os discipulos, que haviam de espalhar por todo o paiz, a sciencia nova que elle ali estava professando, fazia d'essa sciencia propaganda em trabalhos escriptos, que immortalisaram o seu nome e ficaram sendo d'ella chavões, trabalhos que publicava no *Archivo Rural* e no *Jornal Officiel da Agricultura*, os primeiros jornaes da especialidade que houve no nosso paiz e de que elle foi promotor e redactor assiduo.

Além dos artigos brilhantes e importantissimos, que n'esses jornaes deu á luz, Bernardo Lima tem na sua grande obra scientifica um trabalho de grande alcance e de relevantissimo valor — o *Recenseamento geral dos gados*, trabalho feito em 1870, mandado elaborar pelo conselheiro Moraes Soares, e que tornou o nome de Bernardo Lima conhecido e apreciado no estrangeiro, pois vem citado a miudo e com grande applauso pelos mais eminentes professores e escriptores estrangeiros de Zootechnia e de Veterinaria.

Depois de exercer durante 5 annos (1881-1886) o cargo de director geral da repartição do Commercio e Industria e de ser n'este cargo collaborador valiosissimo de Antonio Augusto d'Aguiar, nas suas reformas agricolas, Bernardo Lima foi aposentado.

O illustre morto era natural de Alpiarça, tinha 69 annos d'idade, e era socio da Academia Real das Sciencias e da Real Associação de Agricultura Portugueza.

O OCCIDENTE publicará breve o retrato de Bernardo Lima e então dará mais desenvolvida a sua biographia; aqui queremos apenas registar a sua morte, que foi uma grande perda scientifica para o nosso paiz.

Outro morto d'estes dez dias foi um querido e excellente rapaz, arrebatado na flôr da idade aos carinhos de uma familia, que o adorava, e á estima dos amigos, que o estremeciaram; — o D. Luiz Zarco da Camara.

Pertencente a uma familia das mais nobres e illustres de Portugal, a familia do marquez da Ribeira Grande, irmão dos nossos queridos amigos o conde da Ribeira Grande, e D. Segismundo e D. João da Camara, o eminente poeta e illustre escriptor, que os leitores do OCCIDENTE tão bem conhecem, pelos seus brilhantes artigos publicados n'este periodico D. Luiz da Camara pelo seu, lealissimo character, pelos seus altos dotes de espirito e de coração só contava sympathias e fundas amizades.

Muito novo ainda, na força da vida, matou-o depois de longo e doloroso soffrimento uma das mais terriveis e das mais vulgares doencas do nosso paiz — a tuberculose.

Ha quatro annos, que a traiçoeira enfermidade o acometeu.

D. Luiz da Camara, novo, robusto, despreocupado não fez caso d'ella, e tomou á conta de passageira e inoffensiva bronchite, o que era já principio da tísica.

A persistencia d'essa bronchite começou a fazer nascer terriveis presagios entre os seus amigos. Ha coisa de seis mezes esses presagios transformaram-se em terrivel certeza.

Luiz da Camara estava perdido, e no fim de seis mezes de padecimento sem esperanza, a morte levou-o, deixando na orphanada umas poucas de creanças, que eram a luz dos seus olhos, deixando na viuvez a esposa, que elle idolatrava e que o estremecia com todos os disvelos d'uma esposa amantissima.

Paz á sua alma!

* * *

Quando nós, ha vinte annos, começámos a andar pelos bastidores, uma das primeiras figuras que encontramos, foi a do Alcantara Chaves, o pae Chaves como o tratavam todos os artistas d'então, com uma intimidade cheia de ternura.

N'esse tempo Alcantara Chaves era ensaiador, mas tinha já sido actor algumas vezes, e era também auctor e auctor laureado por um grande successo, que annos antes tinha feito bulha em Lisboa, *O Descasca milho*.

Não é facil dar aqui uma lista das peças de Alcantara Chaves. São ellas numerosissimas e de differentes generos: — dramas, comédias, opeletas, revistas, apropósitos e sobre tudo os apropósitos é que eram a sua especialidade.

Vivendo sempre em theatro, já como empresario, já como ensaiador, já como contraregra, e vivendo especialmente nos theatros populares, onde a grande sciencia é estar á espreita das novidades de sensação, para caçar as grandes receitas, Alcantara Chaves, quando havia algum acontecimento de sensação em Portugal ou no estrangeiro aproveitava-o logo ou por conta propria ou por encomenda alheia, e fazia com elle uma peça, a correr, d'um dia para o outro, peça que elle proprio ensaiava em horas, e que se não tinha muita vida no cartaz, em compensação, dava duas ou tres casas, que era justamente ao que se visava.

N'estes ultimos tempos pôde-se dizer que o seu trabalho d'auctor dramático se limitava apenas a estes apropósitos, que apesar de não se contarem como obra litteraria, exigem de quem os faz muito conhecimento de theatro, para a confecção do esqueleto da peça, e grandes aptidões d'auctor dramático, para vestir rapidamente esse esqueleto, pois a rapidez da feitura é a principal condição d'esses apropósitos para não perderem justamente o apropósito.

Alcantara Chaves tinha grandes faculdades de auctor dramático: espalhou as em centenas de peças feitas assim *à la Diable*, escrevendo sobre o joelho, tendo sempre diante dos olhos as condições rapidas de tempo ou as condições exiguas de companhia, forçado a pautar o seu ideal pelas necessidades de momento, pela indole dos actores que tinham que o representar e das platêas que tinham que o applaudir.

Vivendo quasi sempre em theatros populares, só para platêas populares escreveu e n'essas teve muitos successos e foi d'ellas muito conhecido.

Posto n'outro meio, trabalhando d'outra forma, applicando as suas notaveis faculdades e a sua rara espontaneidade a peças d'outro genero, Alcantara Chaves teria decerto enriquecido o theatro portuguez com peças de distincto valor, porque tinha, é inegavel, o estofado d'um auctor dramático.

E o mesmo que se diz d'elle como auctor se pôde dizer como ensaiador, porque era um ensaiador muito habil e dotado d'uma grande paciencia.

Ha muitos annos, quando na rua do Moinho de Vento — hoje rua de D. Pedro V — havia um theatro popular — theatro do pateo do Tijolo, creio eu que se chamava, eu que então morava para esse lado, uma noite que ia para casa, ouvi musica dentro do theatro.

Era cedo ainda e lembrei-me de entrar para ver.

Estavam a ensaiar. O pae Chaves era o ensaiador e apenas me viu fez-me muita festa e quiz que eu me demorasse um pedaço para assistir ao ensaio.

Em uma peça qualquer em que se dansava a ultima marca dos *Lanceiros o gran chaine*. Es-

tive lá coisa de meia hora e não vi ensaiar senão o *gran chaine*.

Por mais que o pobre Alcantara Chaves se esfalsasse não havia modo dos artistas acertarem com a maneira de dar as mãos uns aos outros.

E o Chaves, com uma paciencia evangelica, lá os ensaiava sem um mau modo, sem uma má palavra, e sahí de lá deixando o ainda a ver se conseguia acertar o *gran chaine*.

D'ali a coisa d'oito dias passei por lá ás mesmas horas e entrei.

Estavam ainda a ensaiar o *gran-chaine* e nada de novo, enganavam-se a cada passo!

Elle ao ver-me entrar disse á companhia:

— O' senhores, vejam lá se agora acertam: isto não é só uma vergonha para vocês, é também uma vergonha para mim!

Ora já se vê que com companhias assim não ha ensaiador possivel.

E não obstante as peças lá iam e agradavam, á força de paciencia do pobre pae Chaves!

Quando apanhava alguns artistas melhores o Chaves fazia milagros, e para metter em scena peças de espectaculo, mecher comparsaria, jogar com grandes massus era dos melhores ensaiadores que tenho visto.

O seu defeito era um defeito bom — o ser bonacheirão de mais. Não sabia ser severo, ser risido: não sabia ralar, nem multar.

— Coitados, se não fazem melhor é por que não sabem! dizia elle quando sentia que ia zangar-se. E não se zangava nunca.

E por isso toda gente no theatro o adorava, toda a gente lhe chamava o pae Chaves!

Pois o pae Chaves acaba de morrer, lá para Belem pobre, velho, quasi ignorado.

Era um excellente homem, um fanatico do theatro, e para dedicar-lhe toda a sua vida, deixou a sua profissão de typographo.

Eu tinha por elle profunda amizade e a sua morte causou-me profunda tristeza.

Soube d'essa morte pelos convites para o enterro, publicados nos jornaes, mas quando li esses convites já elle estava enterrado ha mais de duas horas e contristou-me muito isso, porque queria prestar áquelle bom amigo e áquelle indefezado trabalhador, a minha ultima homenagem, acompanhando-o á sua derradeira morada.

A morte do Alcantara Chaves foi muito sentida nos theatros, porque não havia ninguem que não o estimasse e estou certo que quando as companhias de D. Maria e do Principe Real, regressarem do Brazil hade haver em muitos olhos lagrimas pelo pobre pae Chaves.

E essas lagrimas são o seu grande elogio, o seu brilhante necrologio.

Gervasio Lobato.

A Exposição Industrial Portugueza

1.ª A liberdade civica depende essencialmente do progresso industrial dos povos; por isso:
2.ª O Estado deve á Industria attentões e serviços, do character positivo ainda que de intensidade variavel.

Dr. Antonio Candido.

É o trabalho o maior factor da civilização a quem as liberdades civicas mais exalçam. As exposições não são unicamente demonstração das forças productoras e dos productos, são também um protesto vibrante á innação das leis e dos governos que até hoje não comprehendem ser a Industria a questão maxima, a unica questão social, digna d'este nome e primazia. Na Industria estão concrefiadas, artes quasi sublimes, outr'ora, divinas, mesmo. A arte agricola, entre os egypcios, era tida como um invento celeste, da deusa Iris ou do deus Oairis; entre os gregos, attribuiu-se a Ceres, a deusa das colheitas; e, os italianos dão a sua origem a Janus. A primeira arte util; o cultivar a terra foi sempre, ainda nos tempos os mais remotos, uma occupação honrosissima. Assim deve ser a Industria: uma honra perpetua, uma nobreza positiva, que dá heroes, verdadeiros heroes do trabalho e do labutar de satisfação de necessidades.

Sabe-se, quanto os chinezes honravam a industria agricola que tanto seguiam. Em suas festas annuaes cujo thema é a Agricultura, até o proprio imperador arroteava um pequeno chão, mostrando, quanto para elle era brilhante a arte agricola.

Nas primeiras epocas, a agricultura não era positivamente uma industria, era uma arte domestica, porque a producção se restringia ao consumo, mas logo que a procura se deu e houve troca

e permutação, nasceu a industria; industria inconsciente quasi, pois que, quantas vezes o humilde cultivador semeia fructos que serão consumidos a centenas de leguas distantes da sua terra.

E, se assim nos alongamos pela agricultura, é porque na base dos instrumentos industriaes o mais primordial foi o arado, cujo inventor foi divinizado, como factor da alimentação do genero humano. Vemos o arado funcionando no antigo Egypto d'onde passou para a Grecia, depois para o occidente, sendo levado para as colônias hellenicas.

Eis, pois, a base dos instrumentos industriaes a qual se seguiram outros utensilios elementares, rudimentares, instrumentos cortantes, imperfeitos quanto se pode suppor, pois que a arte da fundição pouco valia.

Os antigos não tinham senão o cobre, o estanho, o ouro, e, dizem alguns, o ferro. Estavam longe de os saberem extrahir em quantidades sufficientes ás suas necessidades e todavia possuiram o segredo da liga dos metaes, pois que fabricaram o bronze.

Ora, desde este nascer da actividade humana, desde este começo de produzir do trabalho, até hoje; os productos, os instrumentos, as mil invenções, as multiplicadissimas operações são tão diversas como infinitas.

Para nós, as exposições são uma synthese evidente, uma synopse que nos leva a fazer estas considerações.

A Exposição Industrial que vamos apreciar despretenciosamente é um dos factos que maior valor tem na historia d'um povo, embora elle seja do extremo da Europa ou do recondito dos sertões africanos: — a manifestação do seu trabalho.

* * *

Foi inaugurada em 28 de julho de 1803 esta exposição, tendo lugar nos vastos salões do Museu Industrial e Commercial de Lisboa, que está installado no edificio dos Jeronymos.

Que lugar mais bello, mais apropriado para um certamen d'esta ordem do que aquelle monumento rendilhado, prova do nascimento do povo luzitano, das suas glorias, e actualmente do seu trabalho industrial?

Nenhum, pois que alli cabe perfeitamente que se allie o rejuvenescimento d'este povo de heroes, o progresso industrial da nação portugueza.

É bem conhecida a origem d'esta exposição: o apreciador os effeitos das pautas ha pouco decretadas. Iniciada pelo illustre sr. dr. Joaquim Tello, director do Museu Industrial e Commercial de Lisboa, foi esta exposição levada a cabo com grande honra, para os iniciadores, pelo sr. Jeronymo Ferreira da Silva, um infatigavel trabalhador, um pugnant atilado do trabalho nacional.

Diversissimas e importantes são as especies de productos industriaes de fabricação nova em Portugal e que no decorrer enunciaremos.

Começemos, segundo o catalogo, pela ennumeração do que notámos de mais notavel, pois que o espaço para mais nos não chega:

Pelo grupo II (*Fosses e substancias mineraes diversas*) expõem diversas companhias e alguns industriaes exploradores de diversas aguas mineraes, notando-se as da Amieira, Alcobaça, Foz da Certã, etc.

No grupo III (*Productos da exploração de pedras e outros*); expõe o sr. E. A. Pinto Magalhães umas amostras de marmo portuguezes. E, a ex.^{ma} sr.^a Baroneza de Samora Correia, que expõe amostras de sal marinho.

Grupo IV (*Productos quimicos*) são expositores os srs. *Ferreira e Ferreira* que expõe, oleo d'amendoas doces; *J. B. Fitol* que expõe breu secco e molle para fabrico d'asphalto etc. *Tinoca Limited* que expõe sulfato de cobre, etc. *José Martins Manso* que expõe alvaiade de chumbo. *Ernesto da Silva Gochibe*, cal em pedra. *Campanhia real promotora da Agricultura Portugueza* expõe diversos adubos. *Viua de João da Cunha Assucar* que expõe variadas especies de graxa. *Maria Joaquina da Silva Saturnina*, expõe graxas diversas. *Silva e Cunha*, exhibindo varios vernizes. *G. Wald* expõe diversas collas liquidas. *Campanhia Portugueza de hygiene*, cuja exposição é em extremo notavel expõe diferentes productos de toilette muito apreciaveis e no mesmo genero expõem os srs. *João José da Costa e C.^a*, *Cunha e C.^a*, *Monteiro Dias* (esta exposição é notavel e merece uma menção especial). *Elesario Augusto Macedo Ferraz Grandella e C.^a*, *Peixoto e C.^a*, *Reya Campos e Nobre Sobrinho*. *Justiniano de Almeida Pinto Canellas João José da Costa e C.^a*, *Ribeiro da Costa e C.^a*, *A. da Cunha e C.^a*, *Dias e Irmão*, *Falcoiras e Carreira*, *A. Fer-*

reira, Franco Filhos, Alfredo da Silva Machado e Emilio Fragoso, André de Viveiros Machado, L. P. Leão de Oliveira, Oliveira Scabra e C.^a; *José Pedro Xavier Rodrigues*; *Julio Rodrigues dos Santos, Joaquim José de Miranda Sarmiento, Joaquim Simões Serra, Manuel Valente Serrano, Sociedade Luzo Africana e Sociedade Pharmaceutica Luzitana.*

Grupo VI (*Obras de pedra*) Antonio Rato & Filhos são expositores de varias amostras de marmores serrados e trabalhados para construcções civis; algumas de bello effeito. *Empresa mechanica de cantarias e marmores portuguezes. The Vallongo slate and marbre Quarries Company.*

Grupo VII (*Serralheria e fundição de ferro*) expõe as seguintes empresas *Costa Basto e C.^a*; *Luiz Ferreira de Sousa Cruz & Filhos. Empresa Industrial Portugueza; Marcello de Silva, Ramires Sobrinho & Germano; A. Promittente.* D'esta já, notavel fabrica e dos seus bellos trabalhos fallaremos depois quando tractarmos dos anexos á exposição. *Thiago Antonio da Silva, F. L. da Silva Almeida, Frederico Collares* (fabrica importantissima); *Empresa Progresso Industrial; A. C. Encarnação e C.^a*, *Julio Gomes Ferreira e C.^a* (esta casa apresenta uma colleccção enorme de productos, taes como candieiros, torneiras, etc. etc. Digna dos maiores elogios); *José Joaquim da Mota, João da Costa Seguro, Antonio Henriques Bessa Silva, Stret & C.^a* (uma nova fabrica de limas e graxas cuja exposição é notavel). *José Nunes Pereira Torres; Viua Theotônio Xavier e F.^a*, *Manuel Francisco dos Santos, F. L. da Silva e Almeida, João Thomaz Cardozo.*

Grupo VIII (*Arames de ferro e outros metaes e obras compostas*) expõem n'este grupo os srs. *Thomaz Bordallo & Commandita; a Companhia Previdente; Schlick Succesores; Francisco Antunes Prior; Casa Bavrato; A. J. de Figueiredo; Joseph Ghiliano, Joaquim José da Rocha & Filho, Alfredo de Brito.*

Grupo XII (*apparellhos de iluminação, ventilação e caloríferos*). Tem lugar n'este grupo as exposições; entre outras já citadas, as dos srs. *Conde do Côco; Empresa Valdeira Lisbonense; Empresa industrial portugueza; Henrique da Costa Pereira Meneses, Miguel Augusto da Silva Milheiro, Manuel Leite Pereira.*

(Continua.)

Elmanoel.



AS NOSSAS GRAVURAS

COMMENDADOR FREDERICO CORREIA LIMA

Como começaremos este pequenino artigo, destinado pela praxe jornalística á innumeração das qualidades, virtudes, honras, etc. do cavalheiro cujo nome é epygraphe que esmalta este escripto?

A esta pergunta feita a nós proprios, feita portanto mui intimamente, responderemos bastante alto que, a sua modestia obstinada, não nos deixou obter, documentos da sua honrosa carreira como funcionario. Contudo podemos dizer que valiosissimos tem sido os serviços prestados ao seu paiz, não só como consul interino e como chanceller, mas sim, tambem, como prestimoso official de marinha, em cuja qualidade serviu na China, tomando, ali, parte n'alguns combates.

A escassez de documentos, é equilibrada pelo pedido instante que em pró do distincto cavalheiro faz a S. M. um grande numero de subditos portuguezes, estabelecidos no Rio de Janeiro, e o decidido e unanime apoio que teve por parte da imprensa brasileira uma tal manifestação.

A representação que nos referimo é prova evidente, e em que se revela o desejo dos portuguezes que residem na capital da nação brasileira, de que seja nomeado consul effectivo n'essa cidade o illustre commendador Frederico Correia Lima.

N'esta pretensão, ainda que existem entaves devidos a quaesquer preceitos legais que se oppõe — mostra-se que um tal documento só por si é o mais bello e valioso testemunho da publica estima e o mais precioso galardão com que se podem premiar os serviços prestados.

O ter merecido uma tal homenagem, assim tão expontanea quanto unanime, dos seus concidadãos é um verdadeiro galardão, é um pergaminho brazonado e esmaltado a naltecer o homem que tanto se tornou credor d'este titulo de estima, consideração e respeito por uma carreira nobre e honramente proseguida.

Oxalá seja attendida a representação dos nos-

nos irmãos d'além mar, pois que ella evidencia, o bom funcionario que assim se honra e a quem o paiz deve offerecer o que se lhe indica, pois que se, d'essa forma instante se pede, é porque irrefragavel e indiscutivelmente o proficiente empregado portuguez tudo merece.

E no convencimento pleno do que acima dizemos o Occidente publicando o retrato do digno consul interino, associa-se áquella manifestação tão importante e honrosa que partindo d'uma collectividade achou echo em todos os que conhecem o commendador Correia Lima; e n'este acolhimento se afirma o quanto ella é justa e digna.

O DUQUE DE UZÉS

Na hora em que o nosso jornal sae do prelo, sae, tambem, de Lisboa o gelado cadaver do homem que foi em vida, o nobre duque de Uzés, cavalheiro da mais alta nobreza realista da França, cunhado do duque de Luynes e um dos mais intimos amigos da Casa de Orleans á qual pertence a actual Rainha portugueza.

Novo, bastante novo, pois que só contava vinte e cinco annos, a morte o arrebatou buscando-o nos vastos campos africanos onde se havia internado como explorador. Rico, mui rico, mesmo, preferiu a Africa doentia, mysteriosa e traiçoeira á brilhante cidade da Europa — Paris. Mas, comprehendendo-se: para os seus estudos e accções, Paris não bastava, era lhe preciso mais vasto terreno, e então dirigiu-se para Africa.

Uma vez ali, o illustre francez parecia não ter em mente senão a ideia de arrostar com os perigos que assaz o attrahiam, que o encantavam, onde quer que existissem, ou estivessem.

E tanto assim, que, pouco depois, foi de encontro ao perigo e perdeu-se.

E perdeu-se, não por victima da sua temeridade, pois que possuia valor e bravura para vencer como venceu os gentios; mas não a morte, que essa é invencivel.

Os *boubons*, tinham assassinado um francez, mr. de Pomeyrac, e haviam recusado a entrega do seu cadaver, e indo mais longe: ameaçando a segurança de algumas tribus amigas da França.

Travaram-se as primeiras razões; então o valoroso duque de Uzés, resolveu cheio d'audacia n'um impeto de patriotismo, dar uma batida nos gentios rebeldes. Começavam aqui, os trabalhos cheios de perigos pois que os caminhos a andar eram dillicéis e longos. A desyteria victima os *be-béres*, o proprio duque sente-se doente e vê-se com as pernas cheias de medonhas ulceras. Contudo, nada o detem, avante sempre; forçoso é caminhar, ainda que a todo o transe. Chega alfin ao termo da sua expedição; Jullien, um tenente, toma a direcção do combate, que lhe é confiada pelo infeliz fidalgo; e, os *boubons* são castigados de modo tal, que pedem misericordia.

O duque de Uzés consegue reaver o cadaver de M. Pomeyrac, corpo inanimado que restitue á França, restituição devida á sua valentia.

Jullien, cahindo doente trara de voltar á patria. O duque de Uzés segue lhe o exemplo. Parte para Brazaville, onde descança alguns dias, seguindo depois para Loango e d'ahi para Cabinda d'onde tenciona regressar á França, por via portugueza. Mal chegara a esta cidade da nossa Africa, o nobre duque de Uzés exhalou o ultimo alento.

Coração nobre, espirito atilado e alevantado, tendo em vista cultivar e estudar alguns trechos da uberrima Africa, trocára a doçura e amenidade do clima do seu paiz, por aquelle sol á pino, d'essa parte do mundo que tanto calor recebe, e só encontrou a morte, elle para a quem a vida sorria, no sorrir primavera dos seus vinte e cinco annos.

Pelas leituras das cartas escriptas alli e enviadas a sua familia, cartas que se tencionam publicar, como tributo á memoria do illustre fidalgo, se verá o quanto de humanitario e de scientifico elle desejava fazer; desde os estudos mais curiosos até ás culturas mais uteis.

E era de um homem, assim, o corpo inanime que passou por Lisboa e a quem africanos portuguezes — receberam o ultimo suspiro, soitado em 20 de junho passado, em Cabinda, como dissemos.

Por esta razão se deve rezar hoje na ermida de S. Roque do Arsenal da Marinha uma missa por alma do nobre fallecido. Na ida do seu corpo para Paris, amanhã de tarde, no comboio correio, vae um wagon, armado em camara ardente, sendo velado pelos seus parentes, os illustres duque de Luynes e conde de Crusol.

Que a terra seja leve ao mallogrado explorador, ao homem que nada precisando arrostar se sacrificou por amor da sciencia e pela honra da sua nação.

O CYCLONE NOS AÇORES

Foi, no dia 28 do passado mez de agosto que pairou sobre o grupo occidental das ilhas açorianas este terrível cyclone.

Foi a ilha Terceira uma das que mais soffreu causando o cyclone enormissimos prejuizos em muitas propriedades e victimando algumas pessoas. Na povoação de S. Matheus o vento destruiu vinte e sete casas e fez dar à costa o patacho *Segredos dos Açores*, sendo mesmo, a cidade invadida pelo mar. Dois pequenos biates de nome *Santa Cruz* e *S. Bernardo* que tinham sahido da Terceira no dia 27 em direcção à ilha Graciosa, consideram se perdidos, pois que um foi visto n'essa memoravel manhã, às sete horas *desgovernado* pedindo soccorro, sendo impossivel valer-lhe.

A velocidade do cyclone era de noventa kilometros por hora. O mar alteou se chegando as ondas a salvarem alturas de sessenta e setenta metros; não ha memoria d'um tal furor.

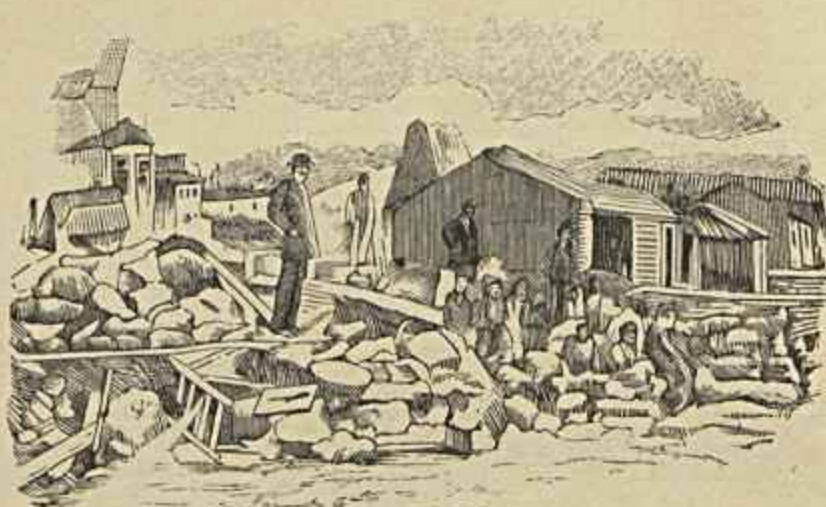
Em S. Matheus a estrada foi invadida n'uma grande extensão pelas aguas do mar, sendo grandes tambem as avarias e prejuizos causados.

Se nos voltamos para os campos sabemos terem soffrido bastante: derruhados os milhos, destruidas as hortas, perdido os fructos, despedaçadas as videiras, arrazadas muitas das habitações



RUINAS PRODUZIDAS PELO CYCLONE NA FREGUEZIA DE S. MATHEUS, ILHA TERCEIRA

(Copia de uma photographia do sr. Jacob Abobbot.)



RUINAS PRODUZIDAS PELO CYCLONE NA FREGUEZIA DE S. MATHEUS, ILHA TERCEIRA

(Copia de uma photographia do sr. Jacob Abobbot.)

Emfim, os terriveis effeitos do cyclone sentiram-se em toda a ilha. O aspecto da bahia de Angra, bem como o do porto de S. Matheus era medonho.

Este ultimo ficou completamente inutilizado, de forma tal, que aos maritimos se lhes tornou impossivel exercer a sua actividade no mar, que destruiu o forte *Negrilo*.

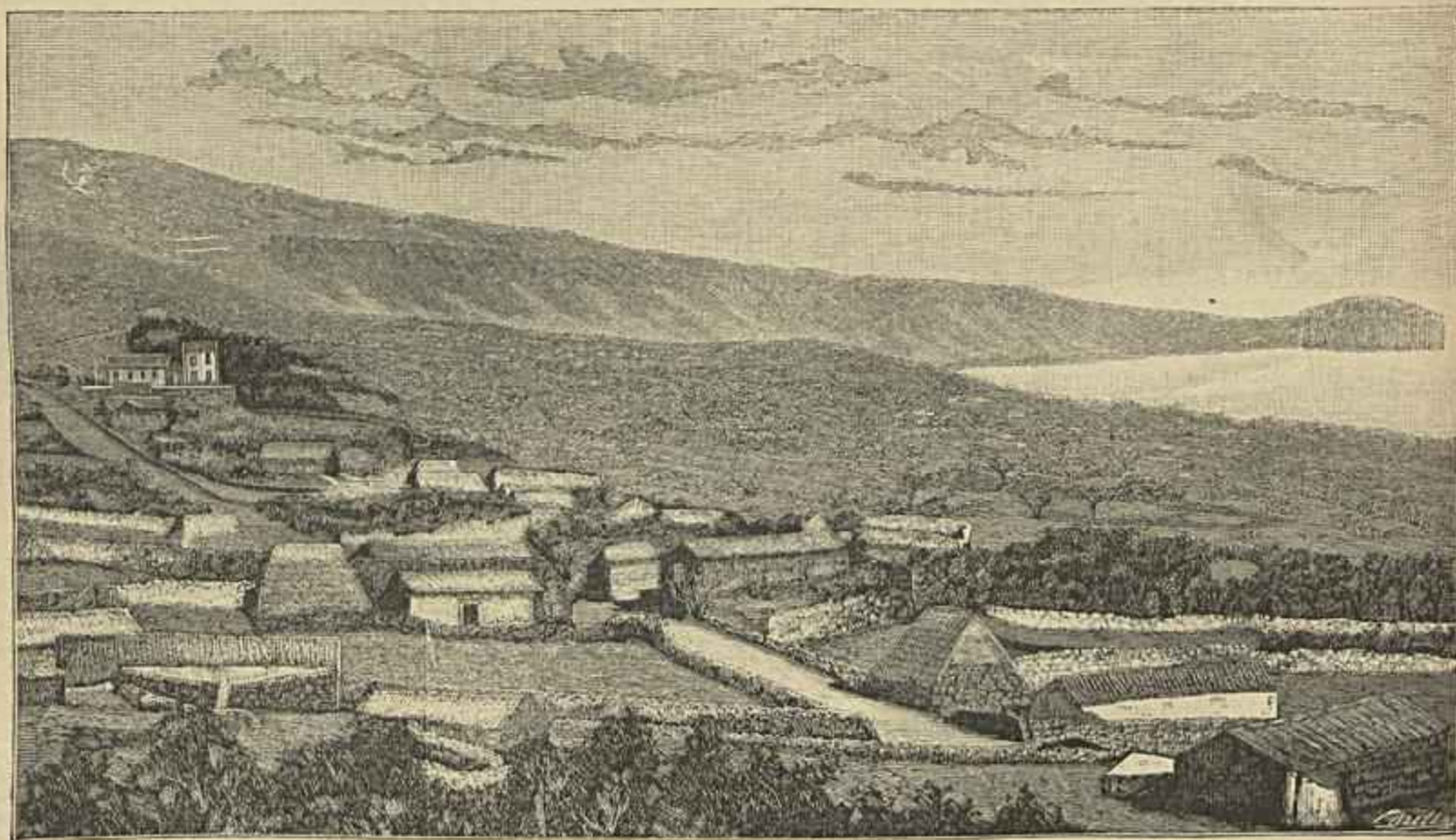
Devastados ficaram os portos e freguezias denominadas dos Cinco Ribeiros, dos Doze Ribeiros, Serreta e Raminho. Ainda em S. Matheus um individuo de nome Francisco Bernardo, foi colhido por uma volta de mar que o arrastou para o Oceano.

Na villa da Lagõa causou o temporal grandes prejuizos pois que o mar derrubou predios e alagou extensas plantações.

Foram tão importantes estes e outros prejuizos, tanto, que o director das obras publicas de Angra do Heroismo calculou em duzentos contos os estragos causados nas estradas e outras dependencias das obras publicas d'aquelle districto.

Dos destroços da freguezia de S. Matheus (ilha Terceira) reproduzimos uns trechos em duas gravuras, copias d'umas photographias enviadas d'alli.

N'essa tempestuosa manhã, de 28 d'agosto, cent-



ILHA DO FAYAL — VISTA DA BAHIA DO VARADOURO E FREGUEZIA DO CAPELLO

(Copia d'uma photographia)

tenas de famílias ficaram reduzidas á miséria, sem pão e sem abrigo. O temporal arrastando supportes das estradas, arrazando os campos, destruindo as moradias, arruinou tudo sobre o que passou e produziu uma crise de tal modo importante que bastantes esforços se tem envidado, já abrindo subscrições, já organisando festas em beneficio de tantas victimas. São duas as commissões principaes a da *Imprensa* e a *Açoriana*.

Importantissimos são os donativos, e o dinheiro enviado para alli sobe já a algumas centenas de mil réis. A commissão açoriana apresentou n'uma das suas sessões uma moção no governo para que elle attendendo á extensão da calamidade applicasse uma verba especial no anno economico de 1892-1893, á reparação dos prejuizos causados pelo cyclone.

A commissão da *Imprensa*, solicitando a protecção de Suas Magestades as Rainhas, trata de levar a effeito algumas festas de caridade, distinguindo-se uma grande tourada na Praça do Cam-

bre as ilhas do grupo occidental do archipelago açoriano, não só assolou a ilha Terceira, mas a do Fayal, Pico e S. Jorge soffreram bastante. No Fayal, desgraças foram avultadas. Na bahia do Varadouro o mar fez naufragar uma barca italiana e um lugre americano carregado de madeira, sendo a tripulação salva a muito custo. Na freguezia da Feiteira o vento levou treze casas e na do Capello, tambem, causou estragos importantes.

A casa da guarda fiscal, na praia do Fayal soffreu grandes destroços sendo os habitantes salvos com difficuldade.

D'esta importante ilha, cuja capital é a cidade da Horta, reproduzimos em gravura uma vista; é esta ilha fertilissima e a sua população é de mais de trinta mil habitantes, esta a uns cem kilometros ao OSO, da Terceira e a 7 NO. da do Pico. Tem um clima bastante temperado em qualquer estação, mui saudavel, tendo produções mimosas e bastante gado. Tem boa laranja e exporta muitos legumes, etc., para o Pico e outras.

Havia seculos que Malaca fôra fundada por emigrantes javanezes, que a tinham convertido ao mahometanismo, e que luctaram por muito tempo contra os reis de Sião, que então dominavam a peninsula toda. Tornara se afinal exclusivamente um centro de commercio, a que affluam negociantes de todas as nacionalidades, a cada uma d'essas nacionalidades correspondia um capitão do porto ou *Shah-i-Bandar* (os *Xabandares* das chronicas portuguezas).

Quatro encontrou Affonso de Albuquerque, um para os Chinezes, outro para os Guzarates, outro para os Bengalis, outro para os Javanezes. Tomada Malaca, Albuquerque a todos protegeu, menos aos Javanezes mussulmanos, e ainda assim só fez excepção para estes quando percebeu que não podia contar com a sua boa vontade. A politica de Affonso de Albuquerque foi ali verdadeiramente admiravel. Ao passo que estabelecia rijamente o dominio portuguez, tornava o commercio facil a todos, enchia de favores e de amabilidades os



COMMENDADOR FREDERICO CORREIA LIMA — CONSUL INTERINO DE PORTUGAL NO RIO DE JANEIRO

(Cópia de uma photographia)

po Pequeno, um festival no formoso jardim da Estrella, etc., etc.

Uma commissão de senhoras, convidadas por S. M. a Rainha, tratam de promover uma kermesse em Cascaes. Esta festa em que predomina o elemento aristocratico deve attrahir á antiga villa de Cascaes bastante concorrencia com grande beneficio para tão humanitaria obra.

Sympathica duplamente, já porque as nobres damas açorianas empenhadas devem ser secundadas pelo cavalheirismo dos portuguezes, já porque o povo luzitano nunca deixou de concorrer a estes festivos de caridade, offerecendo quanto pôde, e mostrando brilhantemente quanto elle sabe comprehender a intenção e quanto procura corresponder á iniciativa gentil, e então elle é grande, é sublime, porque dá quanto possui, não querendo para si senão a ideia de que minora desgraças e dôres a seus irmãos, e mostra quão grande é a alma e quão nobres as accções d'este povo, que sendo primitivamente todo feito de heroes sublimados pôde tornar se hoje um povo de homens de bem e generosos, porque se, nem todos podem ser felizes, comtudo todos podem ser bons.

O cyclone, como dissemos, tendo pairado so-

O seu nome vem das muitas fayas que no tempo dos primeiros donatarios a cobriam em grande parte.

Os seus habitantes, são quasi todos, segundo o escriptor Monteiro, de alta estatura, bastante enghosos, e dados a divertimentos, tanto dansas como qualquer genero de passatempo, e são laboriosos como o todos os naturaes dos Açores.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE APRECIADO PELOS INGLEZES

IV

A conquista de Malaca é tambem apreciada com alto louvor pelo sr. Morse Stephens. Não desconhece elle que a occupação d'essa cidade punha tambem nas mãos dos portuguezes o commercio do Extremo Oriente, e especialissimamente o das especiarias que vinham das Molucas, e que, a bordo dos navios arabes, atravessavam impunemente o mar das Indias, sempre que podiam escapar aos magros cruzeiros portuguezes. Demais Malaca era um reino mahometano, e a sua destruição entrava no plano politico do grande conquistador.

chinezes, mandava enbaixadores ao rei de Sião e organisava a exploração maritima da Oceania raccomandando expressamente aos navegadores que enviava, Antonio de Abreu e Francisco Serião, que não fizessem uma unica preza e que não tratassem senão dos intentos scientificos da sua viagem.

Feito isto, assegurado o dominio de Goa que ainda teve de soccorrer contra o cerco do seu antigo possuidor, voltou a firmar o seu dominio em Ormuz, o que facilmente conseguiu, não sendo igualmente feliz quando pretendeu assenhorear-se de Aden, pondo assim nas mãos dos portuguezes as chaves do Mar Vermelho. Ao mesmo tempo conseguiu fundar uma fortaleza em Calicut, o que tinha a importancia extrema de ser por assim dizer o sello e a affirmação do definitivo triumpho portuguez. O nosso figadal inimigo curvava-se enfim diante da nossa força e do nosso prestigio.

Não conseguiu igualmente Affonso de Albuquerque fundar uma fortaleza em Diu, coisa que em Portugal tanto se desejava, mas parece que o não lamentou muito. Percebia o grande homem que era cedo de mais para que o dominio portuguez se ampliasse tanto. As forças eram poucas. Em Goa, e em Malaca ia elle tratando de as desenvol-

ver; já em Malaca se serviu de tropas indígenas, já em Goa se ia levantando para a sua expedição do Mar Vermelho, mas tudo isso estava muito incipiente ainda, e os soldados que vinham do reino já não chegavam para tão dilatadas empresas. Por isso também vemos Albuquerque não se obstinar nos seus ataques ás fortalezas do Mar Vermelho, nem fazer questão essencial da construção da fortaleza em Diu, Goa, Malacas e Ormuz bastam-lhe evidentemente. Na construção da fortaleza de Calicut vê apenas uma victoria moral cuja importancia reconhece.

Mas o seu pensamento acerca do modo como os Portuguezes podiam e deviam dominar na Asia é mais profundo e mais grandioso. Vimos já como elle procura de todos os modos conciliar os interesses dos povos com quem lida. Apesar do seu odio aos Mussulmanos, vimos que não hesitava em favorecer a seita Shiah contra a seita Sunnita, promettendo a aliança do catholico rei de Portugal a sectarios de Mahomet. Agora, na sua ida ao Mar Vermelho, vêmol o também acariar o pensamento de se ligar com o Prestes João, com o *nigus* da Abyssinia, para levar a cabo uma empresa maravilhosa, a de desviar o curso do Nilo para o Mar Vermelho, privando assim o Egypto das suas fecundantes inundações.

Cheguemos porém ao fim d'este rapido estudo, e mostremos no seu conjunto o modo como o illustre escriptor inglez aprecia as concepções politicas e a acção de Albuquerque.

V

Por mais de uma vez o sr. Morse Stephens lembra a proposito das acções de Affonso de Albuquerque os actos praticados por algum dos mais importantes chefes inglezes. Quando mostra que Albuquerque mais de uma vez teve de sacrificar os seus planos politicos á necessidade de mandar para Portugal navios com a carga que era ansiosamente esperada, lembra que também Warren Hastings tinha de attender principalmente aos interesses da companhia mercantil que servia; quando narra as intrigas dos que persuadiram a D. Manoel que Affonso de Albuquerque pensava em estabelecer um poder independente para si, na India, lembra que as mesmas estupidas intrigas procuraram embaraçar os sensatos planos do marquez de Wellesley, irmão de lord Wellington, que foi um dos que mais contribuíram para enraizar na India o poder da Inglaterra.

Quando fallia na necessidade que tiveram os Portuguezes de estabelecer o seu dominio pela força na India, affirma que foi bem involuntariamente como involuntariamente o estabeleceram também depois os Hollandezes e os Inglezes. Os tres povos queriam sobretudo os lucros do commercio. «Mas, diz Morse Stephens, as causas que produziram a erecção dos imperios hollandez e inglez na Asia differem n'um ponto das que produziram a erecção da potencia portugueza. Aquelles originaram-se na necessidade de quebrar o monopólio portuguez do commercio asiatico, este ultimo na necessidade de destruir o monopólio mahometano. E pode notar-se incidentalmente que os Portuguezes tiveram a mais difficil tarefa. Tiveram de quebrar a ligação mahometana com todo o Oriente, com a Persia e com as ilhas das Especiarias assim como com a India. Os seus meios não eram tão adequados como os dos Inglezes e dos Hollandezes, porque tinham de fazer a difficil passagem á roda do Cabo da Boa Esperança com mais pequenos navios, e os seus recursos para a guerra eram mais fracos do que os dos seus successores.»

Observa também que o livro de Kinud-din bem mostra como estavam organisadas as comunidades dos negociantes arabes, dos *moplas*, que se mantinham independentes dos soberanos hindús, e que podiam perfeitamente ter chegado a accordo com os Portuguezes; mas que foi o seu ciúme intransigente que despertou as hostilidades. Nota que Albuquerque se mostrou primeiro brando com os Mussulmanos em Goa e em Malaca, mas que a tomada de Goa por Adil-Schah, e a sublevação dos Javanezes em Malaca, tinham sido tão evidentemente devidas a elles que a severidade de Albuquerque foi plenamente justificada.

Com os Mussulmanos da India não podiamos pois conciliar nos, com as potencias mussulmanas do Mediterraneo mais intransigentes tinhamos de ser. Corriamos risco de ser esmagados n'essa formidável lucta, e valeu-nos muito a discordia entre o sultão mameluco do Egypto e o sultão Selim I da Turquia, e também a má vontade do shah da Persia Ismail para uns soberanos mahometanos também, mas por elle considerados como heréticos.

Em pontos geraes, diz Morse Stephens concor-

da a politica de Albuquerque, de D. Francisco de Almeida, e de El-rei D. Manuel: interceptar a memoria da India com o mar Vermelho, occupar com fortalezas os pontos principaes da costa de Malabar, e fazer tributarios ao menos os rios cujo territorio se não estabelecessem fortalezas.

«Mas, diz Morse Stephens, a politica da colonização de Albuquerque é unica na historia dos europeus na India, teve nos seus resultados um immenso alcance e influenciou as condições actuaes dos portuguezes na India. A sua noção de um imperio oriental differia inteiramente da que foi adoptada nos seculos subsequentes pelos inglezes. Elle não tinha horror aos casamentos mixtos nem antipathia pelas meias castas. Pelo contrario fez tudo quanto pôde para crear uma raça de portuguezes de meia casta. Quando Goa foi tomada pela segunda vez, procurou induzir o maior numero de portuguezes possível a casarem com mulheres indígenas e especialmente com as mulheres dos Mahometanos que elle matara. Presidiu elle mesmo a esses casamentos, e deu dotes aos pares que casavam como elle desejava. A classe que elle especialmente animou foi a dos artifices que tinham sido mandados de Portugal como calafates e carpinteiros de naus, cordoeiros e operarios de arsenaes e dokas. Também instava muito com os artilheiros para que se casassem.»

«O seu intento com esta politica era formar uma população que fosse a um tempo leal a Portugal e contente por se fixar na India. Effectivamente percebe-se que os officiaes desejassem voltar á Patria, mas europeus de classe inferior eram tão valiosos que se lhes não podia consentir que escapassem.»

Observa Morse Stephens que esta politica de colonização encontrava muitos inimigos em Portugal e entre os portuguezes da India, mas escreve, com rara sensatez e finura um trecho, que é perfeitamente justo e perfeitamente sensato ou pelo menos assim o temos considerado nós que ha largos annos temos feito no nosso paiz identicas affirmações, não sonhando sequer encontrar uma tão breve e inesperada adhesão em tão authorisado escriptor estrangeiro que de certo não conhecia o que tinhamos escripto:

«Foi um dos seus projectos favoritos, e accomodava-se bem ás inclinações do povo portuguez. Parece-nos que nenhuma outra raça de tão bom grado se casa com raças alieias como a Portuguezes. No proprio Portugal restam ainda muitos vestigios na physionomia do povo do casamento, do lindo originario com os descendentes dos Mouros e até dos negros escravos que foram largamente importados; no Brazil parte importante da população descende de casamentos mixtos entre os colonos Portuguezes e as tribus aborigenas; e na India, os Portuguezes de meia casta formam uma reconhecida secção da população christã. Estes homens e estas mulheres parecem-se mais com os indígenas do que com os Europeus, e muitas vezes parecem ter só uma pequenissima quantidade de sangue Europeu.»

São esses porem os que sustentam o Padroado e se afferram com amor á bandeira portugueza, são esses os que em Ceylão espantam os estrangeiros que não esperam encontrar alli os nomes portuguezes, a lingua portugueza, o amor e tradição de Portugal. Se e a politica de Albuquerque podesse ter sido sustentada e seguida por homens do seu valor, quando apparecessem os Hollandezes e os Inglezes encontrariam o Malabar transformado n'um imperio luso-oriental, menos brilhante é certo, mas mais solido talvez do que o imperio anglo oriental que os Warren Hastings e os Wellesley fundaram com processos bem diversos.

Mas não é só isso o que enthusiasma Morse Stephens, enthusiasma-o vêr como Affonso de Albuquerque aproveita habilmente a organização indiana, respeita e conserva as comunidades das aldeias, como precede os Inglezes na reunião das attribuições fiscaes com as attribuições judicias, precede ainda os mesmos Inglezes na criação de empregados europeus que são perfeitamente os que os Inglezes depois instituíram com denominação de collectores dos districtos, como soube aproveitar as tropas indígenas que combatem valentemente debaixo das ordens portuguezas, como soube aproveitar os indígenas não só para officios que já desempenhavam antes da conquista, mas até para se empregarem na propria administração portugueza, também n'isso precedendo os Inglezes, como soube conciliar a boa vontade dos indígenas reduzindo os impostos estabelecidos pelo soberano mahometano de Bidjápúr ao que eram no tempo dos soberanos hindús, mas estipulando ao mesmo tempo que, logo que algum contribuinte deixasse atrazar o pagamento dos impostos, seria logo taxado pela tarifa maho-

metana. Louva o enfim pela tolerancia religiosa que mostra, porque, apesar de ser sinceramente e ardentemente piedoso, nem foi no seu tempo que principiou, a febre da propaganda missionaria, e ainda menos a da perseguição catholica. E finalmente, nobremente reconhece que Affonso de Albuquerque teve mais coragem do que os inglezes para affrontar os costumes indígenas, quando se tratava de uma questão sagrada de humanidade. Citemos em inglez esta notavel homenagem:

«He dared to prohibit in the island of Goa the practice of *sati* or widow burning, which was not abolished in British India until the governorship of Lord William Bentinck 1829.» «Atreveu-se a prohibir na ilha de Goa a pratica das *Sati* ou queima das viúvas, que não foi abolida na India Ingleza senão no governo de lord William Bentinck em 1829.»

Ainda Morse Stephens co'nsagra um capitulo justissimo e resto dos dominios portuguezes na India, capitulo que intitula *Os successores de Albuquerque*, e que leva até á queda de Portugal nas garras da Hespanha, mas nós quizeamos simplesmente pôr em relevo a larga e brilhantissima homenagem prestada pelos Inglezes a esse grande vulto portuguez, que conseguiu dominar a India melhor do que todos os *rulers* britannicos com todas as forças de que dispozeram em Portugal foi necessario que um simples particular tivesse uma generosa idéa para que se prestasse homenagem a um Portuguez, que os Inglezes nossos successores e adversarios reconhecem como um dos grandes vultos da civilização europeia na India. Que saibam ao menos os leitores do Occidente pelo extracto que fizemos d'esta obra nobilissima e notabilissima que não é o *chovinismo* que inspira a admiração que ainda em Portugal alguém vota a Albuquerque, mas que foi elle effectivamente um desses vultos extraordinarios de que se gloria uma nação, de que se ufana a humanidade.

Pinheiro Chagas.

O CORSARIO PORTUGUEZ ANTONIO VALLADARES

No incessante investigar a que nos entregamos, entre diversos documentos curiosos, que inopidamente ou pensadamente encontramos, appareceu-nos o seguinte escripto francez que se refere a um corsario portuguez, mui celebre, Antonio Valladares, a quem os francezes, para melhor pronuncia chamaram: Antonio Balidar.

Segundo vemos, Antonio Valladares nasceu na antiquissima cidade de Guimarães Tendo, ainda muito novo, sentado praça nos regimentos do Porto, que iam, n'aquella epoca, fazer com os hespanhoes guerra ás tropas francezas, durante a invasão da península, foi feito prisioneiro e conduzido para França.

O desejo de se assignalar contra os inglezes, a cuja politica attribuia uma parte dos males que avassalavam então o nosso desolado paiz, levou-o bem depressa á vida de corsario, nos navios dos corsarios da Mancha, e é d'esta epoca que data a reputação que adquiriu n'uma carreira completamente nova para elle e para a qual não tinha sido destinado. Ler a pequena narração dos seus actos de heroismo e as suas acções de grande generosidade, é uma homenagem que se deve prestar ao heroe portuguez, e a que juntamos o nosso humilde concurso, tornando conhecido o escripto do sr. Eduardo Corbière.

I

Durante as ultimas correrias dos corsarios francezes, na Mancha, o nome d'um capitão se tornou, de subito, celebre, entre os outros nomes notaveis dos capitães, mas celebre á maneira do tempo, pois o povo repetia este nome sem o ter vez alguma lido em um unico livro ou artigo de jornal; os marinheiros pensando nas suas historias maritimas e os habitantes dos portos de mar repetiam-no mil vezes por dia desde Brest até Dunkerque: era então alli que alcançavam a maior gloria os heroes da marinha mercante e a fama das suas bellas acções navaes os francezes. Se n'esta epoca, existissem outros jornaes que não fossem as folhas escravas do governo, a imprensa livre não teria deixado de celebrar Antonio Valladares, assim como, depois, illustrou outros. Mas como n'este bom tempo de submissão e de taciturnidade periodicas, a imprensa era muda e a historia muito preguiçosa, foi, pois, ao escriptor francez, Eduardo Corbière, a quem coube fallar da vida maritima d'um dos homens mais notaveis que os historiadores nauticos não podido esquecer nas suas historias aristocraticas. Diz elle: ainda eu não tivera ouvido pronunciar o nome do ma-

rinheiro ao qual vou consagrar hoje algumas linhas, quando por um feliz acaso fui levado a tornar-me testemunha do primeiro acto d'audacia que lhe devia abrir o caminho da fortuna e da fama.

Eis, como se passou o facto que tenho de contar-vos, por parte de Valladares, o heroe da aventura, e, por mim, que de nenhum modo pensava, então, juro-o, em tornar-me, um dia, seu biographo:

II

Nós recolhimo-nos á ilha de Bas (ou de *Batz*, segundo os sabios), a bordo d'um pequeno lugre comboieiro, pertencente ao Estado, tinha o nome de *Granville* e era armado com oito canoas, e que vinha orgulhosamente á testa de cinco ou seis pessimas barcas que acompanhavam-nos desde Brest. Uma escuna ingleza, de bella apparencia, mostrara-se pela manhã nas proximidades da ilha, um pouco mais além da lingua d'areia, ao abrigo da qual nós íamos procurar um ancoradouro para o lugre e para o nosso grande comboio. Mas como o navio, á vista, não parecia de modo algum procurar contrariar a nossa pacifica manobra não pensámos de forma alguma em ir sacudi-lo para o largo. Um pequeno cutter corsario, ancorado no canal, em que nos dispunhamos a deitar ferro, preparava-se, apparelhava-se valentemente com a intenção, assaz manifesta, de ir atacar, tripulado por trinta homens, a escuna que havia avistado antes de nós e que julgámos opportuno deixar tranquillamente proseguir o seu rumo, assim ao longe.

Passando a formarmos-nos, no momento em que elle sahia pela passagem, que tínhamos tomado para entrar, perguntamos á pequena chalupa o que ia fazer fóra. *Tomar d'abordagem essa barca*, respondeu-nos um dos homens do corsario, mostrando-nos a escuna que cruzava lá fóra. Este homem cuja voz tinha um accento mais que meridional e confiança mais que corsaria, era Valladares.

Informados tambem officialmente do intento que tínhamos supposto ao capitão, occupamo-nos, como bem pensareis, muito mais da manobra da chalupa corsa, que da que fazíamos executar a bordo do lugre para ganhar o nosso pacifico ancoradouro. A brisa que, até ali, tinha enfundado as nossas vélas, adormecera bem depressa sobre o mar que nos cercava e por fóra dos rochedos e dos bancos de areia por detraz dos quaes íamos accommodarmo-nos para passar socegradamente a noite.

O corsario depois de ter contornado a ilha, com a ajuda d'um ultimo pé de vento, amainou toda a véla, para armar os remos e approximar-se á força de vogar e com o favor da calmaria podre, da escuna que se achava socegada, a cerca de uma légua distante d'elle. Esta caça á força de remos não durou mais que uma meia hora, tão grande era o ardor dos remadores, e tão rapida era a marcha do ligeiro cutter. Logo que esta meia hora de remar se passou, vimos o corsario recolher os remos como uma gaiota fecha as suas azas, uma vez chegada á onda onde quer descançar. Alguns tiros de canhão atirados pela escuna se ouviram: o corsario respondeu, pela sua parte, a esta descarga com alguns tiros de espingarda e pistola á falta de canhões, e depois, não ouvimos mais nada... A grande escuna acabara de amainar o seu pavilhão para o pequeno cutter!...

Pela noite, vimos chegar perto da costa, na qual tínhamos ficado fixados como espectadores, o corsario triumphante trazendo a seu reboque a preza que acabava de fazer e que se via ser duas vezes, pelo menos, mais comprida do que elle.

Era uma escuna de cento e quarenta a cento e cinquenta toneladas, tripulada por vinte e cinco homens e carregada de finos viveres para os estados-maiores da esquadra ingleza, que cruzava nas costas de Finisterra.

Foi então, e sómente então, que pensámos em perguntar aos pilotos da ilha de Bas como se chamava o capitão do corsario victorioso, ao que elles nos responderam que se chamava Antonio Balidar, que era vasconço, portuguez, ou, talvez mesmo, hespanhol, e que devia ser segundo as apparencias, um audacioso bastante resolutivo. Os pilotos baixo-bretões prediziam então o tempo e adivinhavam já os homens, como vedes.

III

O nosso maior desejo era, depois de saber o nome do heroe, vêr o proprio heroe.

Para satisfazer este segundo movimento de curiosidade, dirigimo-nos a bordo do corsario para lhe darmos os parabens, felicitações que elle recebeu sem lhes dar maior importancia. Mas, apesar

do pouco apreço que a sua modestia ou a sua indiferença parecia ligar aos nossos cumprimentos, elle, dignou-se, contudo, annunciar-nos que, se quizessemos dar ao incommodo de esperar algum tempo, veríamos muito mais. De resto o capitão Balidar era um rapaz bello bastante, posto que de pequena estatura, cara larga, aberta e de uma mobilidade de expressão pouco commum. Notei que os olhos admiravelmente abertos por baixo das sobranceiras desenhadas fortemente estavam cobertos por fartas pestanas negras e cumpridas cerca de meia pollegada, pelo menos. Eu não era então phrenologista. Quanto ao mais, elle, não estava uniformizado como os outros capitães corsarios, pois que vestia, como os seus marinheiros, uma simples camisola muito larga e umas fartas calças azues.

A belleza varonil do seu rosto, a energia, que brilhava pela vivacidade, do seu olhar, seriam sufficientemente o bastante para reconhecerem o como sendo o capitão no meio da sua gente. Estava n'isso, sobretudo, o primeiro signal da sua distincção. Elle proprio comprehendia tão bem, decididamente, a influencia e a auctoridade que a sua magestosa e imponente figura, devia exercer no animo dos marinheiros, que muitas vezes dizia, apontando para os olhos, com o gesto mimico dos meridionaes, que, era alli, que trazia as suas dragonas de capitão do navio. E, com effeito, como o dizia a tripulação, toda a sua gente lhe obedecia ao mais leve olhar, e nunca a disciplina maritima foi melhor observada, no alto mar, como a bordo dos navios que commandava este intrepido homem de condicção ordinaria.

A escuna ingleza de que se tinha apossado tão agilmente, á nossa vista, já desarmar immediatamente para ser vendida no porto de Roscoff, situado a pouca distancia do canal da ilha de Bas. Depois, bem depressa se armou de novo, com o nome de *Esperança*, por conta de M. Guilhem, de Brest, que a expediu, em seguida, como navio aventureiro para a ilha de Franca.

O pequeno cutter que commandava Balidar, quando capturou a *Esperança*, era um d'estes ligeiros navios corsarios de verão que os armadores de Calais, Boulogne, Dieppe e de São-Malo, enviavam, durante as calmarias da estação quente, para se apoderarem, á força de remos, dos grandes navios inglezes que podiam encontrar no canal. Depois de ter dado provas tão evidentes de habilidade e de audacia, não foi difficil ao capitão portuguez, para a expedição corsaria, que se preparava para no inverno, obter um navio mais forte do que aquelle em que se tinha tão brilhantemente estreado na carreira do commando. No inverno seguinte vimol-o vir ao ancoradouro da ilha de Bas, aonde o tínhamos encontrado pela primeira vez, capitaneando um lugre de Calais, a bordo do qual promettia fazer das suas á custa do commercio inglez. O lugre novo chamava-se, se a memoria me não atraição, *A Revolução*. Os nomes dos navios escapam-me muito facilmente quando o nome dos homens que os commandam tem o privilegio de preoccupar-me vivamente a imaginação, ou de impressionar-me fortemente a memoria.

(Continúa.)

Esteves Pereira.



REVISTA POLITICA

O inesperado augmento do preço do pão veiu momentaneamente desviar as atenções de outros assumptos que estavam sendo discutidos na imprensa politica, como a reforma da policia, a representação da Associação Commercial de Lisboa ao governo contra a resselagem dos livros commerciaes, os exorcizos das brigadas de instrucção, a renovação do contracto Hersent para a continuação das obras do porto de Lisboa, os roubos no correio e a revolta da marinha no Rio de Janeiro.

O pão fez esquecer por alguns dias todas estas questões importantes, pelo que bem mostra que a barriga é sempre a questão magna, o hoje mais do que nunca, como bem o provam todas as outras questões que se pozeram de purto, para tratar d'esta, mas que afinal todas tem a sua origem na insaciavel viscera que se chama estomago.

Oh! a quantas coisas obriga o estomago! É elle o primeiro inimigo da humanidade, n'estes tempos que vão correndo, mas para que nem só o estomago tenha a fama de nos levar todos os reaes dos nossos haveres, lá vem aquelle estudante em Paris, que enviando ao pae a conta das suas despesas de alimentação, livros, matriculas etc. incluia a seguinte verba:

Um homem não é de pau... 300\$000.

Ora n'esta verba precisamente é que está hoje o

segredo de muitas coisas que para ali se vêem e outras que se não vêem.

A questão do pão, enfim, passou sem maior novidade para o publico e com algumas descomposturas d'este nos moços de padeiro, que por sua vez transmitiram aos seus patrões com a triste noticia de perderem a maior parte dos freguezes.

Esta questão do pão parece se muito com a questão dos operarios sem trabalho, e como esta felizmente não conseguiu alterar a ordem publica veiu aquella, parece, vêr se conseguia mais alguma coisa que metter nas algibeiras dos padeiros mais 10 réis por cada kilo de pão.

O governo, porém, agora, como então, conseguiu dominar a borrasca, e enquanto os padeiros, muito secretamente conspiravam para augmentar o preço do pão, o sr. ministro das obras publicas dava as necessarias providencias para que nas ruas de Lisboa se vendesse pão ao publico pelo antigo preço, pois nenhuma razão justificada havia para o augmento.

O publico exultou por vêr o pão official e não só o viu, mas comprou-o com grande alegria, não sabemos se por lhes parecer que vinha da mesa do orçamento, a que tantos esfaimados andam mortos por chegar.

E a respeito de pão e de padeiros, *mortuus est pinto in casca*. Está tudo acabado.

Assim se podesse pôr ponto em todas as questões, como se pode sonar esta, mas outras não menos importantes se levantam, como a da selagem dos livros commerciaes, contra que as Associações Commercial de Lisboa e do Porto representaram ao governo.

Esta questão já chegou a azedar-se um pouco, mas ainda não fermentou sufficientemente.

O governo quer que os livros commerciaes em uso nas casas de commercio vão ser ressellados em conformidade com as novas taxas do sello, e os commerciantes não se conformam com esta medida, allegando que os seus livros são ingrados e os segredos que n'elles se contém inviolaveis.

Lá tem as suas razões.

O sr. Fuschini, porém, resiste valorosamente a todas as representações, não descendo da burra por caso nenhum. Tambem lá deve ter as suas razões.

No entanto a correspondencia trocada entre o governo e as referidas associações vai evoluindo-se e percorrendo todas as escalas, desde a amabilidade até á impertinencia, o que deve ter levado o sr. ministro da fazenda a mudar a posição do seu chapéu tantas vezes quantas as representações até o ponto de enterrar o dito chapéu pela cabeça abaixo, exactamente o contrario do camaradão do Arsenal, que quando sobe está proxima a borrasca.

Outra questão: é a das obras do porto de Lisboa, que tendo continuado por conta do Estado, sob a direcção do engenheiro portuguez sr. Adolpho Loureiro, com grande proveito para o mesmo Estado, tanto no que toca a despesa como ao bom andamento dos trabalhos, o governo vai de novo entregar essas obras ao antigo empreiteiro sr. Hersent, que faltou ao primeiro contracto. Ouvimos classificar este caso de *processos velhos*; no entanto a nós affigura-se-nos, se não novo, pelo menos, pouco vulgar o fazer novos contractos com quem já faltou a elles, sem justa causa, porque está conhecido que as exigencias que o sr. Hersent fez ao governo, sobre a indemnisação da differença do cambio, não eram de uma pureza e sinceridade impecavel, attendendo a que o preço da empreitada dava boa margem para a tal differença do cambio, e ainda que a não desse, cremos que nem só os contractos que dão bons lucros são os que se cumprem.

Fortes devem ser, portanto, as razões que o sr. ministro das obras publicas tem para ir dar novamente a obra ao antigo empreiteiro, fazendo uso da auctorisação que pediu ao Parlamento e que este approvou, para regular a questão das obras do porto de Lisboa com o ex-empateiro Hersent.

É, porém, de esperar que se faça luz sufficiente sobre esta questão, nem o digno ministro das obras publicas é homem para negocios escuros.

Por falta, talvez, de assumpto para artigos de opposição alguns jornaes tem censurado os exercizos de brigada que se tem feito, em Lisboa e no Porto, pela razão das enormes despesas que esses exercizos demandam.

Mas n'este caso ter exercizo sem lhes ministra instrucção militar é o mesmo que não lhe dar armas porque custam caras.

As despesas feitas com os exercizos devem estar dentro do orçamento do ministerio da guerra, e se ellas o ultrapassarem é que haverá motivo de censuras.

Mas, cada cabeça cada sentença, e d'este mal andamos soffrendo ha muito tempo, produzindo destemperos de toda a especie.

Queremo-nos amesquinhar tanto e tanto que não se pode prever onde chegaremos por este caminho.

Nas mais pequenas coisas se revela essa tendência, cada vez mais pronunciada, pelo menos em certos espiritos, como por exemplo o do noticiário que escreveu a seguinte local, que lêmos em um jornal da tarde, epigraphada com a palavra homenagem, em grossas letras bem visíveis.

«Para collocar na sua camera o retrato que lhe foi offerecido por Sua Magestade El-Rei, o commandante do couraçado russo Nicolau I mandou fazer uma rica moldura.»

Ora El-Rei o Sr. D. Carlos deve ter ficado muito lisongeado ao saber que o seu retrato mereceu a HONENAGEM de ser encaixilhado em uma RICA moldura em vez de algum *passé-partout* de quatro vintens.

Sempre ha cada puevito de noticiário eá por este mundo. *João Verdades.*



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Catalogo dos livros do assentamento da gente de guerra que veio do Reino para a India desde 1731 até 1811 pelo bibliothecario J. A. Ismael Gracias. Nova Gôa. Imprensa Nacional 1893. — Abre o curioso livro, uma ordem do governador geral. Conselheiro Francisco Teixeira da Silva, na qual louva o illustrado bibliothecario pelo seu importante trabalho de investigação historica.

Para bem se avaliar quão notavel é este trabalho; transcrevemos os seguintes periodos d'um pequeno relatório dirigido pelo sr. bibliothecario ao ex.^m sr. conselheiro Francisco Teixeira da Silva.

«Em virtude das ordens de v. ex.^a, dadas sobre proposta do digno secretario de fazenda (1), e constantes do officio da secretaria geral, datado de 15 de dezembro ultimo, foram transferidos, no dia 21 do mesmo, do archivo de fazenda para esta bibliotheca, 89 livros MSS., denominados do assentamento da gente de guerra que veio do Reino para a India desde 1731 até 1811.

Passando uma ligeira vista sobre esses enormes in folios, muitos dos quaes se acham em lamentavel estado de deterioração (2), observei que, não obstante as faltas e lacunas que accusam, contém authenticos e valiosos elementos:

para a historia militar da provincia durante aquelle periodo, intervallado ora de grandes revezes e pesados infortunios, como a perda da famosa Baçaim, da fertilissima ilha de Salcete e das importantes terras e fortalezas do Norte, — ora de vividos lampejos de gloria, a illuminarem a conquista da dilatada região de ininterrupta primavera, que se estende desde a beira-mar até ás cumeadas dos Gates, arredondando os domínios de Portugal em Goa; —

para reconstruir a genealogia de numerosas familias de descendencia europeá, fortalecer as tradições e attestar os serviços de seus maiores á Nação; e, principalmente,

para mostrar os generosos soccorros com que a Metropole acudia á restauração das suas possessões indianas, e o Poder marítimo portuguez de outras eras, que teve seus aureos dias, cantados por um illustre poeta:

Então por longo tempo o Tejo ufano
Fez dos seus lenhos acurvar com o peso
Os hombos do Oceano,
Então Neptuno vio em raiva acceso
Nos ares fuzilar as sacras quinas.

Qualquer d'estes objectivos é por igual interessante. Ainda se não escreveu a historia completa da India Portugueza, nem mesmo se proseguiu nas monumentaes *Decadas* de Barros e de Couto, servindo o muito que aliás está avulsamente publicado, de subsidios a quem se consagra a tão immensa, como primorosa tarefa. E

quanto á genealogia, é indiscutivel o seu valor historico, sem distincção de ser de patricios ou de plebeus, porque só aquelles não podem ter uns antepassados de que se honrar, ou uma longa successão de virtudes a perpetuar; e para estes ha um notavel exemplo de zelo pela guarda das memorias de familia, não direi nas estemmas de Mucio Scevola e de Paulo Emilio, mas no benemérito inventor de pára-raios e autor da liberdade da America — Benjamin Franklin — o qual, sendo filho d'um humilde operario de origem ingleza, e podendo applicar-se o *genus meum a me incipit*, não quiz contudo morrer, sem ter pessoalmente verificado e coordenado pelos registos parochiaes da *fatherland*, a sua linha ancestral.

Par tudo isso, e para fazer conhecido dos estudiosos o abundante material de informações que podem encontrar nos livros a que alludi, elaborei o catalogo junto com pequenos extractos, addicionando lhes com o auxilio de publicações e documentos inéditos, alguns transcriptos na integra, noticias de immediata referencia, — catalogo que tenho a honra de submeter á esclarecida apreciação de v. ex.^a. E, comquanto seja o primeiro a reconhecer a insignificancia do presente trabalho, não duvido da sua utilidade, como apontamento



DUQUE D'UZÉS

para o estudo e investigação historica que os curiosos podem prefazer com a consulta dos livros coevos do archivo da secretaria geral do governo.»

Todo o catalogo, é profundamente cheio de notas em que se revelam estudo e erudição do sr. Gracias. Entre os apontamentos mais notaveis de alguns dos livros referidos, distingue o illustre bibliothecario as seguintes indicações referentes ao nosso grande poeta Bocage que como subsidio a estudiosos e prova do valor do trabalho a que alludimos nós transcrevemos:

LXV — LXVI — Monção de 1786. — Nãos: N. Sr.^a da Vida, Santo Antonio e Magdalena, commandante José Rodrigues de Magalhães, e Senhor do Bomfim e S. Thiago maior, sahiram abril e chegou a primeira 28 de outubro de 1786

Nesta monção e na mesma primeira não veio o governador e capitão general Francisco da Cunha e Menezes; e bem assim o poeta Bocage, cujo assentamento é o seguinte:

Manoel Maria Barbosa Hedoís de (sic) Bocage, filho de Luis Soares Barbosa e de D. Mariana Joaquina Xavier de Bocage, natural de Setubal, da idade de 21 annos.

Nota á margem — Despachado com o posto de guarda-marinha para o dito Estado por carta de 4 de fevereiro, registada na Casa da India, no livro das mercês para o ultramar, fl. 5 v.

No anno de 1787, matriculou-se o guarda-marinha Bocage na antiga aula real da marinha, mas não fez exame por causa legitima; matriculou-se pela segunda vez em 1788, mas não frequentou por causa legitima (*Livro dos Assentos* das entradas dos discipulos, noticia por T. Mourão no *Almanach litterario*, de 1867, por A. J. Frederico Gonçalves de Figueiredo, pag 38).

Na informação dos officiaes do corpo de marinha, dada em 17 de fevereiro de 1788, pelo commandante Vasco Luis Carneiro de Souza e Faro, se lê o seguinte — Manoel Maria de Barbosa guarda marinha — anno de serviço 1 — Antiguidade, 15 de novembro de 1786 — Informação, tem viveza e bom procedimento — (L.^a das monções, n.^o 168 a fl. 304).

Por portaria do dito governador e capitão general, de 25 de fevereiro de 1789, foi nomeado, em attenção aos seus *mercements e serviços*, tenente d'infanteria da 5.^a companhia do regimento da guarnição da praça de Damão, de que obteve carta patente em 26 do dito mez. Embarcou para Damão em 8 de março subseqüente na fragata *Sant'Anna e S. Joaquim*, do commando do capitão de mar e guerra Felix José Tinoco da Gama. Chegou a Damão em 6 de abril, em que tomou posse, e no dia 8 se ausentou, como informou o governador da praça Antonio Leite de Souza pelo seguinte officio, dirigido ao mesmo governador e capitão general:—

«Ill.^m e Ex.^m Sr. — Com a chegada da fragata *Sant'Anna*, desembarcou para esta praça Manoel Maria Barbosa, provido por V. Ex.^a em tenente para a 5.^a companhia do regimento d'ella, e sentando praça no mesmo dia que desembarcou, se ausentou no dia 8 do corrente, com o alteres da 1.^a companhia Manuel José Dionisio, saindo ambos pela porta do campo. Não posso dizer a V. Ex.^a do motivo do primeiro, e do segundo só attribuo ás muitas dividas que adquiriu n'esta praça, de varios, para seus jogos, que vim a saber depois da sua fuga.

«Eu senti bem essa fuga, porque estou sem officiaes para o serviço, visto haver muitos vagos no regimento, e dois absolutamente incapazes para todo o serviço, que é o capitão D. Antonio de Menezes, da 6.^a companhia, e o alferes da 1.^a companhia de sipaes, Luis da Costa Franco, de que dei conta a V. Ex.^a

«A Ill.^m e Ex.^m Pessoa de V. Ex.^a guarde Deus muitos annos. Damão 21 de abril de 1789. Antonio Leite de Souza (L.^a da corresp. do e com o gov. de Damão, 1786 a 1789).

F. N. Xavier publicou no *Archivo Universal*, n.^o 20 de 1861, e na *Illustração Goana*, 1.^o vol., 1865, uma noticia da vinda do poeta a Goa e da sua volta a Lisboa por Macão, para servir de nota ao estudo biographico e litterario por L. A. Rebelo da Silva, impresso no 1.^o vol. das obras de Bocage, editadas por Innocencio Francisco da Silva.

Não ha mais noticias de Bocage em Goa a Damão.

No fim de tão curioso catalogo, encontra-se um indice de todos os individuos de quem se encontra noticia nos *livros do assentamento*. É mais uma prova evidente da boa elaboração e proficiencia do sr. Ismael Gracias, a quem leicitamos por tão bello exito — a compilação de obra tão valiosa.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Está quasi a concluir a impressão d'este almanach.

Recebem-se annuncios até 31 d'este mez, na

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho. Modesto & C.^a, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 e 39

(1) O sr. José Navarro de Paiva Pereira d'Andrade.
(2) Foram novamente encadernados todos os livros, abandonando a fazenda a verba de 1892-00 — junho de 1893.